



P.V.P. 5,95 €

*preço único colecção BIS*



Levantou-se de repente. Como se de um pesadelo. A cabeça pesada, os membros torpes, as articulações ferrugentas da insónia. E o dia que nunca mais irrompia pelos espaços regulares da persiana, desenhos milimétricos na escultura rígida da janela.

Este não é o meu quarto e estou farto de hotéis. Uma mulher respira devagar por trás de si. Amo-a? Mexe-se ligeiramente, muda de posição, murmura palavras fugidas de sonhos desfeitos, volta a adormecer, a boca ligeiramente mais aberta, a mesma respiração aquática. Que faço eu aqui?

Água, no pescoço, na cara, as mãos em concha, duas três quatro vezes, lavar-me, começar a limpar-se por ali, como se restassem nas pálpebras e nos lábios pedaços apodrecidos da goma da resignação. Sentiu, enquanto os olhos fechados se lembravam das corridas de bicicleta entre a Apúlia e Ofir, e a boca reaprendia a pouco e pouco a arquitectura difícil dos sorrisos abertos da infância, a mulher que se remexia no seu sono inquieto, Falas tanto de noite, Dizes tanta coisa que não percebo, que me apetece logo inventar aí, nesse espaço a que definitivamente não pertence, a cova escondida do entendimento que definitivamente não logamos alcançar, um raspar mais brusco dos lençóis, um bocejo enorme, claro, a faísca de um isqueiro, claro, a voz que já não pertence ao sonho, clara.

– Por que é que acordaste tão cedo?

Por que é que me deitei tão tarde, e contigo, uma vez mais contigo, um corpo à deriva, a jangada da tua sedução, há quanto tempo?

– Podes responder-me quando falo contigo?

Cala-te, estou a redescobrir o prazer de fazer a barba, a lâmina a viajar os contornos do queixo, a alternância agradável da água quente e da água fria, estou bem, estou quase limpo. Cala-te.

– Estava cheio de calor, dormi mal.

– Porra, eu dormi como uma lontra...

E um novo bocejo (por que é que os conto?), imaginou-lhe de costas o hábito de prender o cigarro entre o anelar e o médio, a cinza que se começa a inclinar, a maneira distraída de coçar a nuca. Ainda bem. Que dormiste bem, quero dizer. Voltou ao quarto acalmando a irritação da cara com palmadas sábias de after-shave, num gesto que aprendeu com os cowboys da infância (quando eu for grande e fizer a barba), reparou na própria sombra atapetada na alcatifa pela da luz da casa de banho, adivinhou os contornos das coxas nuas, dos seios em desmazelo, agora que a chama do isqueiro se juntava aos primeiros raios de sol que espreitavam pelas feridas da persiana, adivinhou a própria boca sem nada para dizer dali a pouco, sem qualquer palavra na profunda arrecadação da linguagem que conseguisse traduzir o que lhe ia por dentro, realmente por dentro, doridamente por dentro, sem nada para dizer ou responder.

– Então já não deixas crescer a barba?

Tomar a iniciativa de dizer quando lhe pareceu de repente que eram horas de partir, de abalar, de romper de vez juntamente com a luminosidade teimosa da manhã, um salto sem regresso, uma viagem sem retorno possível, atirou a toalha para cima da cama, abriu os pesados cortinados de veludo, Ei, não abras essa merda, olhou finalmente a mulher com os olhos engessados da decisão, se calhar sorriu, se calhar deu-lhe gozo feri-la no seu torpor de bicho nocturno, abriu as persianas, a janela, a porta da varanda, abriu tudo o que havia para abrir, deixar sair o cheiro a mofo, a podre, continuar a limpar-se.

– Vou-me embora.

– Foda-se, acordaste mesmo de cu para o ar. Ao menos dá-me tempo de me vestir.

Não percebeste nada, continuas a não perceber nada, não é do hotel que me vou embora, não é deste quarto excessivamente luxuoso, excessivamente impessoal como tu me pareces nesta manhã, como tu finalmente pareces, vou-me embora de mim, repara, olha para mim, não acredito que não mo leias nos olhos, na transpiração aflita das mãos, não acredito que não notes, que não te apercebas e no entanto não vou nada embora, sei-o, vou permanecer para sempre grávido dos dias que não me atrevo a lembrar, a fazer voltar, às tantas, merda, não conseguirei nunca ir-me embora, nunca partir como se inventasse nesse momento eternamente adiado a alegria refrescante da chegada, anda, veste-te lá, vou descendo, vou pagando a noite que não tive, e foi como se ao dirigir-se ao empregado alto e curvado da recepção que o cumprimentou numa subserviência pegajosa, se dirigisse de facto à mulher que naquele preciso momento (adivinhou-a) compunha em frente ao espelho da casa de banho o caos escuro dos cabelos, indignada por ter sido selvaticamente arrancada ao conforto celular do sono da manhã, resmungando impropérios com a boca cerzida que (de certeza) aperta os ganchos trazidos das toilettes da adolescência, tirou a carteira do bolso do blusão (Fica-me mal, por que continuo a usá-lo?), olhou novamente o recibo que a cegonha lhe estendia, e pensou numa soma elaborada pela mulher, a multiplicação imparável de uma solidão sem remédio.

Ouviu a campainha do elevador que aterrava na recepção, pressentiu sem olhar a mulher a empurrar a porta, o cabelo apanhado na nuca com um elástico furioso, os longilíneos óculos escuros repletos de acordes estridentes sofregamente engolidos numa maratona rockeira do Pavilhão Infante de Sagres, deixou uma nota mais pequena de gorjeta, pôs também os óculos, o tique obrigou-o a verificar a fralda da camisa, e atravessou a porta de vidro com a sensação de ter rachado algo que deveria ter tido a coragem de quebrar.

– Já que viemos com esta pressa toda, quero ir tomar café a qualquer sítio a ver se acordo. E podes então aproveitar para me explicar o que é que se passa. Ou será que como de costume me vais dizer que não se passa nada?

A luz do semáforo ficou verde. Arrancou com um solavanco súbito, virou à esquerda e começou lentamente a subir a Avenida da Boavista. É tão cedo ainda, pensou, os carros ainda não se empurram uns aos outros, os eléctricos deslizam como trenós na neve adormecida dos carris, espécie de quadrigas romanas repletas de publicidade guiadas com desinteresse por um Ben-Hur ensonado e vigiadas por um legionário mal-encarado que coça o capacete da caspa num gesto de babuíno. Tão cedo ainda na minha cidade que conheço tão mal, por afinal estranhar aquela ausência de ruído, de burburinho, de bulício, por estranhar aquela claridade tímida, ainda infantil, tão diferente daquela luminosidade opaca que me habituei a tomar como certa e que sempre me untou a alma de uma angústia sem razão. É então assim a minha cidade às sete da manhã, pensava, quando a voz pastosa da mulher disse, Já que vieste por aqui vamos ao Orfeu, se bem que duvide que já esteja aberto. Mesmo quem trabalha a sério dorme mais do que tu.

Abordou a Rotunda ainda preso de uma surpresa genesiana pelos contornos açucarados da cidade que crescia de movimento a cada metro, em cada minuto, em cada rosto e esquina, acompanhou o serpentear dos trilhos até à Rua Júlio Dinis, virou, não viu um táxi a arrancar, teve que guíñar para a esquerda, derrapou, conseguiu dominar o carro, abriu o vidro, Estavas a olhar para onde, cornudo?, o taxista respondeu-lhe na mesma moeda, um dedo esticado entre dois que se encolhem, estacionou atrás de uma milenária carrinha das lavandarias Texas da qual saía o ressecado vaqueiro do condutor, puxou num repente as rédeas do travão de mão, fechou os olhos com força, abriu-os passado um bocado debaixo do inalterável silêncio da mulher, empurrou a porta e saiu.

O Café Orfeu na manhã que mal começou pareceu-lhe tão estrangeiro como o resto do asfalto e do cimento das

casas que tinha acabado de percorrer, procurou em vão uma imagem, uma tonalidade, um rosto, que lhe garantissem estar de facto num dos seus portos de abrigo do costume, mas tirando as mesmas cadeiras e o mesmo chão sujo, nada naquele palácio de torradas e cimbalinos o devolvia à atmosfera familiar das tardes e noites de fervor alcoólico.

– Podes-me explicar ao menos por que é que fizeste a barba?

Disse a mulher enquanto soprava o vapor do galão.

– Não sei, apeteceu-me. Sinto-me melhor assim.

Tocando sem que o soubesse, sem que disso se apercebesse, na divisória definitiva que o afastava do caminho daquela mulher morena, decidida, perspicaz (Amo-a?), aquela mulher que há três anos o acompanhava, que há três anos (Já?) dormia consigo e o salvava das eternas hesitações com a segurança felina de quem acha que só se sofre quando se é fraco.

– És um idiota, deixas a vida enrabar-te por tudo e por nada – disse-lhe um dia (Há quanto?) em que a derrocada interior começara a adquirir foros de avalanche de danos irreparáveis e deixara vir as lágrimas por cima do prato de sopa enquanto o resto do restaurante o fitava de relance, espantado, desconfiado, indignado. Foi nessa altura que a mulher tirou o guardanapo do regaço, pousou-o em cima da mesa, levantou-lhe o queixo com as tenazes dos dedos magros e ele pensou, Vai-me enxugar as lágrimas, Vai-me sorrir, Vai-me pegar na mão

– Mas esta merda nunca mais acaba? Até quando vais continuar cheio de piedade por ti próprio? Sofreste muito na infância, sofreste muito na adolescência, na guerra, estiveste perdido, a tua mulher enfeitou-te, e depois? Explica-me, e depois, homem? Vais desistir de tudo, vais dar um tiro nos cornos? – como que a perguntar E eu?, como que a perguntar De que me adianta continuar contigo se não consigo, se nunca conseguirei, apagar-te os medos, as paranoias, as hesitações de puto escondido no sótão, toda a merda que te afasta de mim, que nos impede de conseguirmos dar-nos totalmente, realmente um ao outro. De manei-

ra que o agredia, de maneira que, incapaz de lhe pedir que olhasse por ela, que velasse, simplesmente, o seu coração sobressaltado, o saraivava com recriminações, com chamadas de atenção, com agressões deliberadas que aprendeu a considerar a única saída para as depressões, para as porras, para as burguesices que não levam a sítio nenhum, os problemas de pacotilha dos quarentões neuróticos resolvem-se em cinco minutos de conversa franca em que os convence-mos definitiva e irremediavelmente da merda que são.

Até quando terei pena de mim. Até quando sentirei prazer em ouvir as recriminações como se as merecesse e me esforçasse, mantendo a cabeça baixa e envergonhada, por continuar a ouvi-las. Nunca abandonei de facto a falta de coragem que me persegue desde pequeno, que me encurrala no medo diário de me procurar, de atingir aquilo a que devia ter aspirado, a metamorfose final em homem, o ponto de chegada do ciclo de eterna gestação em que me arrasto. O empregado retirou as chávenas e os restos das sandes de fiambre (Sempre odiei o nome sande), a mulher acendeu, claro, um cigarro, perdeu por momentos o olhar na brancura da rua que principiava a agitar-se para além do vidro sujo e disse, sem o fitar

– Tenho a impressão, Pedro, de que não se trata de mais uma birra, de mais uma merda. Corrige-me se estiver enganada, mas tenho a impressão que este é o último pequeno-almoço que partilhamos.

Continuava sem o olhar e ele teve a sensação de que havia o risco inesperado de a ver chorar. Falou, mais para a salvar dessa fraqueza do que por reear emocionar-se também

– Preciso, hoje, de estar sozinho, de pensar, de acalmar um formigueiro qualquer que anda cá dentro

senti o soluço abafado da mulher, as mãos crispadas, os lábios mordidos, Sei que não vais chorar

– Tentar perceber o que se passa e o que não se passa, sei lá, telefonar à minha filha, descobrir onde me perdi, solucionar o que me ficou por fazer

sem perceber que a filha estava ali naquele momento ao seu lado, a conter as lágrimas, sem perceber que a mulher

em quem procurava uma mãe não passava de uma filha, Nunca te tinha visto sem máscara como agora, Onde está a tua ironia, o teu escárnio, a tua força inabalável, senti uma pena súbita e detestou-se por isso, És afinal tão igual a mim, tão igual a toda a gente, que me dói sem que o saibas suspeitar-te assim indefesa, assim humana, que me magoa sem que te apercebas descobrir-te tão à minha medida, agora que tenho de partir, que uma vez mais tenho de partir. Calou-se ao sentir o alheamento da mulher, mexeu no isqueiro, apalpou-o, sentiu-o, acendeu-o várias vezes na direcção de cigarros inexistentes, como se adiasse algo, como se uma vez mais esperasse que alguém desse o primeiro passo por ele.

– Sabes onde eu moro, sabes o número de telefone, procura-me se te lembrares de mim.

disse enquanto se levantava, enquanto procurava os óculos na desordem da carteira, já refeita das cataratas que não chegaram a humilhá-la, já a tropeçar no degrau antes de empurrar a porta de vidro. Pela segunda vez nesse dia que mal tinha começado, pagou e saiu também.

Quem te garante que não procuraste os teus problemas. Quem te garante que não os inventaste e aumentaste um pouco, para ficarem à altura daquilo que consideras o verdadeiro sofrimento. Tanta coisa que ficou por fazer, será que já é tarde. Nasci onde, nasci quando. Em 45, no fim da guerra e no início da *Bola*, tenho a sensação de que a minha existência não se conseguirá libertar nunca desta génese romântica e catastrófica. Nasci porque, nasci quem.

Regressou ao carro tendo o cuidado de evitar a investida desvairada de um autocarro, abriu a porta como se olhasse para dentro de si mesmo, um solavanco súbito para o meio da rua. Muito mal guio eu, pensou descobrir nessa constatação de azelhice um certo conforto e justificação para a muita ferrugem que lhe roía as entranhas, Onde entro?, em que momento desta peça mal ensaiada me levanto e proclamo solenemente uma ordem, um pedido humilde, uma ex-

plicação final? Não a há, começo agora a saber, desesperadamente a compreender. Não a há. Espasmos, momentos, sim, fulgurações instantâneas, sim. O provisório. Tentar retirar daí o máximo, esquecer o futuro. Sou de mim tudo o que já fui. Não acredito em Deus, mas então quem sabe o que serei.

O carro tomou devagar a direcção de retorno à Avenida da Boavista, o carro, não ele, os olhos quase fechados, as mãos suavemente no dorso do volante como se no pêlo assustado do rafeiro arrancado de repente à pré-história da infância, o corpo descansadamente distendido numa reclinção de cadeira de praia, a cabeça ausente, pela primeira vez desde há muito tempo realmente ausente, acusando apenas o calor que começa a estalar na atmosfera reduzida do automóvel, na atmosfera compacta e completa da sua calma reencontrada. Passou a Fonte da Moura, continuou para baixo como num túnel sem remissão.

– Por que cortaste tu a barba?

A minha Via Sacra, pensou, esboçando o Lázaro de um sorriso, o meu verdadeiro caminho, impossibilitado que estava de encontrar outras estradas que não as de asfalto e paralelos e areia, incapaz de imaginar uma estrada por dentro das próprias mãos, uma que o fizesse regressar ao sítio perdido que nenhum mapa indicava. A minha Via Sacra, pensou, e os olhos abriram-se agora pelo cheiro que denunciava a proximidade do mar, a proximidade dos estilhaços familiares do mar. O mar faz-me lembrar-te, mas afastou a imagem, mirava um qualquer ponto perdido lá ao fundo, num local impreciso, num local inatingível, para além da estrada, para além da história esquecida do Castelo do Queijo (Que caralho de nome), para além do esqueleto putrefacto do petroleiro afundado, muito depois da espuma furiosa da maré-viva, os olhos olhavam mais longe que o horizonte, dentro de si, uma ilha perdida numa erupção de sofrimento nunca solucionada. Sinto-me tão bem que recordo, imagina, a tua maneira patética de rir se estás com os copos, há quanto tempo não apanhamos uma ramada juntos, há tanto tempo que não lembro, que já não lembro,

há tanto que o confundo com os fins de tarde na Apúlia, com os salgados jogos de vôlei, há quanto tempo? Tudo isso foi antes de tudo, penso agora, se isso realmente aconteceu foi antes de as coisas terem nome, antes da guerra, não só a de África mas todas, no tempo em que os deuses possuíam o teu sorriso, a tua voz, no tempo em que se encontrava por inventar o pânico que hoje arrasto, incómodo, à laia de uma cauda indelével.

Cortei a barba, Paula, mas tu nunca virás a compreender que foi uma maneira de começar a regressar, cortei-a, Paula, da mesma impensada maneira que se estende o braço a um afogado que nos pode arrastar por limos e corais de eternidade, circundou uma nova rotunda, virou na direcção da Foz, avançou placidamente pela Avenida de Montevideu, estendeu aos frutos apodrecidos dos casarões centenários os braços preguiçosos dos olhos, viu a casa da ex-mulher e pensou imediatamente Há quanto tempo não passo aqui? Porra, há quanto tempo tanta coisa? É de facto o tempo que nos falta, ou recusamo-nos a vivê-lo, a revivê-lo, a tomar-lhe o pulso e saber o que de facto nos aconteceu, o que teve lugar e não poderemos nunca, por maiores esforços, apagar com a mesma facilidade com que se remove uma nódoa comprometedora de um fato de domingo, o tempo não nos falta, mas o seu excesso, a sua brutalidade, a sua presença de sombra que nos obriga a partilhá-lo, essa omnipresença, esse sentimento de obrigatoriedade, por isso vale a pena combatê-lo, lutar pelo simples prazer de lutar, de reagir, de protestar, como se da ingénua maneira de enganar os dogmas impostos, os tabus, ou as mil e uma formas com que se enfeita o proibido nascesse a força procurada, insuspeitada, de lutar contra o próprio medo, contra a resignação, a ânsia imensa de agarrar os dias pelos cabelos, de os obrigar a parar, a voltar para trás um minuto que fosse (Apúlia), uma merda dum segundinho que me permitisse ser responsável pela minha vida, uma maneira de manejar os ponteiros ao meu ritmo.

Parou o carro em frente à casa da mãe, na Rua Garcia de Orta, depois de uma caminhada penosa que lhe abrisse

na pele uma ferida nunca cicatrizada, Até a minha mãe deve estar farta de me aturar, também ela vai estranhar a cara aparada, o rosto de repente demasiado branco, demasiado pálido perante o carvão veraneante que já me povoa o peito e as costas e as pernas, como de costume nada me perguntará, nada inquirirá, Onde é que dormiste?, como se eu tivesse de novo dezoito ou vinte anos, ou qualquer tempo por aí perto, como se voltasse de uma noite em claro com a Marta (Lembras-te, amor?), de uma noite de intermináveis conversas, de passeios no monstro adormecido da praia, a preparar, sem que o soubéssemos, sem que pensássemos nisso ainda, sem que nos apercebéssemos, o recanto escondido dentro da desesperança onde construíamos, num labor de abelhas, a cumplicidade que desde então nunca mais nos abandonou e na qual procurávamos abrigo se nos sentíamos perdidos ou desorientados, se nos sentíamos (Lembras-te, amor?) desencorajados.

Bateu a porta do carro, uma mão distraída compôs a braguilha, o cão apercebeu-se da sua presença a julgar pelos gemidos que se ouviam no fundo do quintal, empurrou o portão branco num gesto fatigado, rosnou um cumprimento inaudível à empregada centenária que dia após dia lhe apimentava a sopa (Há quanto tempo estás já connosco?, há quanto tempo temperas as saladas, os bifés, quando é que ensinaste a minha mãe a fazer grão-de-bico como deve ser?), espapçou-se no sofá numa preguiça de gato capado.

– És tu, Pedro?

Sempre conheceste a nossa maneira de entrar em casa, sempre adivinhaste as nossas doenças mesmo antes de elas existirem, perdeste de certeza tanto tempo a medir-nos as febres, a limpar-nos as cacas, os ranhos, a ler-nos histórias da carochinha que nunca te tinham contado, que me parece que te esqueceste de arranjar tempo para ti, para as tuas coisas, para os teus desejos, de certeza que os tiveste, que os tens ainda, se estás só e o ronronar da máquina de lavar louça te transporta aos lugares que deixaste de conhecer por nossa causa

– Sou eu, mãe.

o barulho do aspirador te lembra os modos atenciosos de um senhor que te ajudou a subir para o autocarro, o rendez-vous sempre falhado, o teu enorme silêncio perante tudo, o teu alheamento desde a morte do pai

– Filho, diz à Emília para ir pondo a mesa, eu já desço.

a tua queda prematura, tu, tão viva que esta casa respira pelos teus pulmões, a tua voz, as tuas preocupações ainda hoje (Leva uma camisola, pode fazer frio), pergunto-me se alguma vez poderei passar sem essas atenções que me habituei a desrespeitar, sem esse zelo que verdadeiramente mais ninguém teve por mim e que a Paula, no seu pragmatismo furioso, no seu desapaixonamento pelas emoções piegas, despreza. Àquela hora, imaginava-o, a filha deveria almoçar com os seus movimentos parados que nunca deixou de amar, a filha que há tanto tempo não procurava devia estar sentada à enorme mesa de mogno da Avenida de Montevideu, junto ao silêncio sorumbático da avó que a acusava mudamente de existir, de ser jovem e bonita e sem fantasmas ainda, aqueles farrapos herdados de uma rigidez feudal inconciliáveis com uma tentativa titânica de continuar a existir no século vinte, a filha que, por descuido e imaturidade (Era tão novo quando nasceste, Rita, tão pequeno ainda que queria mais era que tomassem conta de mim, das minhas mãos permanentemente nos bolsos, da minha cabeça baixa, do fardo pesado de nunca ter dito ao meu pai que o amava, Rita, de sentir o tempo não demasiadamente curto mas demasiadamente inexistente), deixou sempre de lado nas suas tentativas de andar para a frente, de se libertar de algo que lhe tolhia os movimentos, Nunca me lembrei, imagina a estupidez, que talvez me pudesses ajudar com esses teus olhos antiquíssimos, com essa tua boca séria feita do que nas crianças há de verdadeira sabedoria, nunca me lembrei que talvez pudesse, que talvez devesse pedir-te ajuda, minha filha, meu grande e talvez único amor, meu livro escrito com carne pele e sangue.

A mãe desceu finalmente (Gosto tanto daquele teu vestido azul, faz-te tão viva, por que nunca mais o puseste?),

beijou-lhe a testa num assomo doméstico de Pietà, não lhe perguntou, claro, onde tinha passado a noite, limitou-se a olhá-lo enquanto sorria sem palavras a atrapalhar, e ele pensou logo Como é que podem dizer que temos as bocas parecidas se nunca, que me recorde, sorri assim dessa maneira total, dessa forma que nenhuma expressão designa, que nenhuma teoria interpreta, esse sorriso que te nasce no útero e que reconhece, nos meus olhos injectados e no cabelo desalinhado que começa a rarear, a semente nunca perdida, o prodígio primeiro, esse desmesurado grito de amor, de verdadeiro amor, essa profundíssima fenda de terra que nunca senti estalar na planície adormecida do meu peito.

– Então, novidades?

– Não, mãe, nenhuma.

E tu farta de saber que não era verdade, tu a sentires qualquer coisa no ar, reconhecendo a minha hesitação, sentindo na atmosfera que algo me atormentava, de maneira que disseste

– Bem, vamos para a mesa que se está a fazer tarde.

de maneira que me esqueci de te dizer, que me esqueci de me abrir, que não tive coragem de rebentar uma arca cheia de pó armazenada no sótão da minha enervante timidez

– Emília, pode servir a sopa que o menino vai só lavar as mãos.

como quem admite de uma vez que está arrependido de ter crescido, que está arrependido de ver o cabelo a esbranquiçar nas têmporas (Até pode ser que me fique bem, compro uma camisa de seda, umas calças brancas, uso finalmente o fio de ouro que a minha madrinha me deu no casamento, há quanto tempo?, encosto-me displicentemente ao balcão do Twins ou do Swing, cumprimento efusivamente gajos que detesto, assisto com terror de mosca em teia de aranha à aproximação vagarosa, calculada, tentacular, de adolescentes descontraídas e fortemente ocas, e lembro-me de repente, como quem cospe a bebida no fim de uma anedota, que podem ser já filhas de amigos meus de

infância, de liceu, de tropa, de desencanto. Foda-se.). Subiu os degraus dois a dois numa tentativa de se ultrapassar, de ganhar tempo, dirigiu-se ao fim do corredor, entrou na casa de banho, evitou olhar-se ao espelho, porque cortaste tu a barba, abriu a torneira, viu o lento fiozinho de cascata tímida que escorria para o lavatório, e à medida que levantava devagar os olhos distinguiu, para lá do deserto mirífico do espelho, um apelo selvagem de gritos, uma noite suspensa de um suor espesso como sangue ou geleia, igualmente doce, igualmente lento, uma miragem enevoadada que ia a pouco e pouco tomando forma e sentido, mais gritos ao longe por dentro do silêncio do calor, viu a sua figura patética a subir as cuecas, a calçar as botas enormes, aflito de incompreensão e de sono, O que é que se passa meu deus, o cabo Miranda a irromper-lhe pelo quarto dentro, pálido, suado, Ó meu alferes venha depressa que isto tre-sanda a desgraça, a calamidade, a tragédia verdadeira, eu sei porque antes de me enfiarem nesta terra maldita de picadas e macacos eu era pescador, meu alferes, e habituei-me a levantar-me de noite se o mar estava cão sem que ninguém me avisasse, sem que ninguém me dissesse nada, mesmo antes de ouvir, arrepiado de impotência, os gritos bestiais das velhas ajoelhadas na praia. Mas o que é que se passa, Não sei, meu alferes, e ninguém sabe ainda ou todos sabem mas ninguém quer acreditar, ninguém quer saber, todos querem passar ao lado, a gente ainda aguenta a guerra, a falta de comida, de água, as saudades, mas não aguenta o que não compreende, o que nos transcende, a presença, sabe-se lá, do próprio diabo em pessoa, enfiou a camisa à pressa, saiu para a areia vermelha da parada seguido pelo cabo descontrolado, Mas diz lá o que é que se passa, caralho, desembucha lá de uma vez, já aflito também, já contagiado pelo nervosismo do outro, amedrontado com o silêncio sufocante que inchava por dentro da noite, que se estendia pela chama adormecida até às fogueiras paleolíticas dos quimbos que iluminavam ao de leve o perfil mágico das palhotas, Ó meu alferes, o meu alferes sabe quem é o Guiné, aquele transmontano forte como um touro, de

olhos de criança, que amanhou em Bissau antes de vir para aqui amanhar com a gente, o Guiné, aquele que todos os dias se senta no chão depois da ração aquosa, encostado à parede da caserna, de fósforo preso entre os dentes separados, continuaram a andar em direcção à porta da messe onde o resto dos homens já se encontrava num torvelinho de formigas, os oficiais acotovelando-se, esbracejando, o que é que se passa, o que é que se passa, os soldados numa quietude feita de medo, feita de respeito, num silêncio cúmplice de olhos baixos, Pois o Guiné, meu alferes, namora há algum tempo uma pretinha ali do quimbo, para mim namorar não será bem o termo, arreia-lhe umas fodinhas de vez em quando, tal como todos fazemos, o meu alferes sabe bem que um homem não é de pau, as saudades são muitas e as alternativas poucas, a falta de consolo, de ternura, é muita, e a gente, está o meu alferes a ver, lá vai por vezes dar a nossa para esvaziar, para esquecer outras coisas, e deve dizer-se que muitas delas não são nada más, as novas, os seios firmes, as ancas enxutas, as velhas não, até metem nojo aos cães, as mamãs todas descaídas, a catíngua, o hálito de erva podre, além disso tenho a certeza que não se deixavam foder, não são resignadas como as novas, as novas até parece que já sabem o que as espera, parece, meu alferes, que adivinham a nossa fome, o nosso desespero, entregam-se com uma simplicidade que decerto nos arrepiaria se não estivéssemos tão ocupados a descobrir à pressa a racha desenhada entre as coxas, que nos espantaria se não fôssemos tão sôfregos a descer as calças, a segurar o pénis e a guiá-lo, raivosos, na direcção mansa e escura do seu ventre, e às vezes, garanto-lhe, assusta-me o silêncio delas, a cara voltada devagar para o lado para não verem a nossa pressa de crianças, os olhos muito abertos, desmesuradamente abertos, fitando a imensidão da chana que se aventura pelos intervalos rasgados no barro fresco das suas casas, das suas cabanas, e enquanto me impressiono com a lentíssima beleza das suas pernas abertas, já me aconteceu, pode rir-se se quiser, esperar que desse gesto prisioneiro, dessa magnitude que só as mulheres conhecem, nascesse, meu alferes, o despertar final do paraíso.

Devia ter aprendido nessa altura a verdadeira cor do amor, da amizade, sei lá do quê, do reencontro com a minha própria coragem, pensou ele na casa de banho ao cima das escadas, dentro do espelho o cabo continuava a caminhar ao seu lado na direcção da luminosidade da messe, Pois o Guiné, meu alferes, tomou-se de amores ou paixões ou lá o que caralho seja por uma pretinha que vem aqui às vezes lavar a roupa ao pessoal, umas cuecas, umas meiazitas, e a gente dava-lhe umas coroas, qualquer coisita melhor para comer, uns apalpõezitos de vez em quando, mas isso só até o Guiné a conhecer, porque a partir daí tivemos a certeza que nos espetava um canhangulo nos cornos se nos visse a metermo-nos com a miúda, se nos atrevêssemos, pode crer meu alferes, a sequer olhar para ela, ele nunca nos disse nada, nunca nos ameaçou, mas nós sentíamo-lo, a gente pressentia-o, na sua maneira arrastada de andar, nas suas mãos enormes, nos seus ombros feitos da firmeza rugosa dos carvalhos, a pretinha é uma das muitas mulheres de um velho que quase nunca está por cá, vai para o meio do mato fazer não sei o quê, caçar, rezar, não sei, estes pretos são malucos, têm coisas que vá lá a gente percebê-los, só sei é que o gajo é marido dela e mais parece pai dela, está para fora há algumas semanas, mas também se não estivesse era a mesma coisa, nunca poderia impedir coisa alguma, estes cabrões são malucos, parece que não se importam que um gajo lhes coma as mulheres, dizem que possuir o corpo não é o mesmo que possuir a alma, tretas assim, ainda há pouco dizia eu que os nharros são malucos, já está o meu alferes a ter uma ideia. Tenho a certeza, e são estas coisinhas, estes pequenos nada, desculpe o meu alferes se me estiver a repetir, que vá lá a gente perceber e explicar na nossa linguagem da metrópole, ora o Guiné disse um dia à rapariga Vou-te levar comigo, que bem o ouvimos, eu e o Pires, o meu alferes sabe quem é o Pires, aquele ruço, magrinho, a quem a mãe morreu na semana passada, recebeu um telegrama que dizia Zé a tua mãe morreu lembreste daquela doença que a obrigava a cagar de lado para um saquinho? deu-lhe mais forte e lá foi ela é pena não estares

cá sentimos todos a tua falta o teu irmão está aqui ao lado a dizer se tu lhe trazes um macaco um abraço do teu pai, mas nesse dia ainda a mãe do Pires não tinha ido com nosa senhora e ele estava comigo ali ao pé dos unimogues a beber umas cucas que como sempre fazia um calor do caraças, uma temperatura fodida como eu nunca pensei que pudesse existir se não tivesse vindo parar a este fim do mundo, ainda julgamos nós que o Algarve é quente, se eu nunca tivesse vindo para cá desconheceria certamente esta maneira angustiante de não haver vento, esta maneira silenciosa de as árvores apontarem o céu num sinal divino, e ouvimos o Guiné Vou-te levar comigo, ali mesmo ao pé de nós, meu alferes, a segurar a mão da miúda com um cuidado que lhe estranhámos, Vou-te levar comigo, e ela riu timidamente, e ela ficou com o sorriso preso aos lábios, a fitá-lo naquilo que a mim e ao Pires pareceu uma espécie de pena, e foi então que nos apercebemos que o Guiné já devia ter sido pequeno, menino mesmo, porque nenhum homem tem olhos como os que vi naquele momento, o meu alferes se não acredita pergunte ao Pires, a rapariga continuou a sorrir, fez-lhe uma careta a tentar distraí-lo, a tentar fazer-lhe compreender, passou-lhe as mãos pelo cabelo sujo numa carícia de leoa, virou-lhe as costas e desatou a saltitar alegremente de volta ao quimbo. E foi aí, o meu alferes percebe?, que o Pires e eu sentimos uma espécie de arrepió, como nós na Póvoa não gostávamos de ir ao mar se o víamos assim adormecido, assim calado, sem uma onda sequer para amostra, como nós na Póvoa desconfiávamos sempre do dinossauro liquefeito do mar que descansava numa misteriosa paz de urso polar, como desconfiávamos naquele dia das mãos paradas sobre os joelhos do Guiné, do seu peito de lenhador a esticar compassadamente os botões demasiado frágeis da camisa, do seu olhar de repente ausente, cheio de pinheiros e de lobos e de casas de granito, como desconfiávamos, o meu alferes está a atingir?, que algo de estúpido ou de dramático ou de simplesmente imenso estava para acontecer.

– Pedro, quando quiseres, desce. O almoço está na mesa.

O cabo calou-se de repente, talvez com falta de fôlego, talvez cheio de premonições pela calma excessiva da noite, a mãe voltou a chamá-lo para a mesa mas ele já não a ouvia porque lá ao fundo, surgida do nada como uma moreia dos intervalos rochosos das profundezas, erguia-se a silhueta cambaleante do Guiné, agigantada pelo luar que lhe batia pelas costas, a figura irreal do soldado que ele aprendera a conhecer discreto, retraído, boçal, a figura do Guiné de repente grande de mais aos olhos de todos, aos olhos assustados e espantados e interrogativos de todos.

– Pedro, olha que a sopa esfria!

O corpo do Guiné adivinhado pela primeira vez na serenidade excessiva do luar, um primeiro grito quase imperceptível, Matei-a, nem sequer desespero, nem sequer raiva, só um grito dentro da noite, meu alferes, apenas um horrível estertor de bicho dentro da nossa noite quente, mãe, já desço, os soldados recuaram instintivamente.

– Matei-a!!

E agora sim, um animal à solta na direcção ziguezagueante da messe, agora sim, todos tinham percebido afinal o silêncio sufocante por dentro do peito, que nos tinha impedido de adormecer, de descansar.

– Matei-a.

Mas já nem era necessário, a camisa rasgada, o suor grosso a escorrer, Que fizeste Guiné?, avançou sem pensar na sua direcção, uma coragem nascida do medo, Que fizeste?

– Matei-a e fodo o primeiro que vier!

– Pedro!

Ergueu a mão para que todos vissem a faca ainda ensanguentada, ainda quente do ventre estripado da menina que jazia algures no quimbo, talvez com a mesma inalterável face séria das negras, fitando as estrelas num denso adeus, Eu mato toda a gente, sem coragem para se matar como realmente queria

– Guiné!

sem coragem de matar a lua e o sol e todos os homens que lhe aparecessem pela frente, sem coragem de esventrar

a impossibilidade de transportar as coxas escuras e os seios redondos para uma aldeia transmontana que ela não sabia onde ficava mas sabia não ser a sua, como nós nos deveríamos ter recusado a espezinhar uma terra que deveríamos sentir não ser a nossa, mas onde em nós as raízes fundas, onde em nós a lucidez e o apego, Mato tudo, Rebento o primeiro, um rio de lágrimas a cobrir o vale gretado das faces, o sangue alojado entre os dedos, entre os dentes.

– Guiné! Larga a faca!

O soldado parou por segundos na poeira revolta da parada, limpou com a manga restos salgados de lágrimas dos lábios.

– O meu alferes não se aproxime que eu corto-lhe os tomates rente!

Os soldados perplexos fitavam a cena coroada de fa-roeste, em alguns rostos o medo começava a ceder à raiva acumulada, já que não se conseguem matar os turras porque os cabrões se escondem e fogem e disparam sem que um gajo consiga ver de onde vem o caralho do tiro, mata-se o Guiné, está mesmo à mão de semear, com o luar a desenhá-lo no peito um alvo certo, mata-se o Guiné e pode ser que dessa maneira morra um pouco de nós, aquela parte incómoda que não nos deixa revoltar-nos, mata-se o Guiné e imaginamos que o sangue dele, a irromper da boca e dos ombros numa suavidade de óleo de bronzear, é um pouco o sangue de todos os que morreram aqui, nesta terra de morcegos e areia, pode ser que fodendo o canastro a este transmontano de olhos de menino surja em nós um rastilho de alívio, um princípio da vingança que imaginamos se estamos sozinhos, ou deitados, ou bem bebidos, e a raiva se incrusta, dolorosa, nos dedos, no estômago, nas pálpebras.

– Guiné, não te volto a avisar! Ou largas essa merda ou perco a paciência e mando-te prender!

Guiné, ajuda-me a ajudar-te, larga a faca, por ti e por mim, estes gajos estão todos mortinhos, Guiné, quando a estupefação e a hesitação se forem embora, a rodearem-te devagarinho, de manso, como se fosses um animal acossado, um leproso, qualquer coisa que não compreendem e os

assusta, um monstro qualquer regressado dos pesadelos da infância, olha para mim, Guiné, ridículo, magro, abatido, desfeito, eu também não queria vir para aqui, eu também estou farto, também amo muito uma mulher que não tenho, que não me deixam ter por completo, também eu, Guiné, sinto vontade de matar tudo o que não posso ter, tudo o que me escapa e me revolta, por isso te peço, larga a faca, olha para as caras deles,

– Menino, olhe que se faz tarde!

olha os seus olhares furibundos, as bocas cerradas, ouve, Guiné, o meu apelo surdo à medida que avanço na direcção dos teus braços de pedra (e se ele me mata?), às tuas sobranceiras descaídas, pressente o silêncio pesado que pode ser rasgado a qualquer instante, um tiro, transmontano dum raio, é tão fácil, és tão grande, eles estão com tanto medo, também eu que continuo a avançar para ti, nunca o meu passo foi tão seguro

– Ó meu alferes, por favor pare aí onde está!

Nunca a minha decisão foi tão grande, tão completa, tão irreversível, deixa-me salvar-te, Guiné, deixa-me regressar por ti a tudo o que deixei de fazer, a tudo o que fui adian-do, sentia as botas a sulcarem a mansidão da areia, nenhum ruído, sentia os olhos dos soldados nas suas costas, sabia que era naquele momento a esperança desgarrada de todos, a salvação, tu nem sabes, Guiné, o que és neste momento, antes fosses só um soldado desesperado que despedaçou uma rapariguinha que não queria partir com ele, chegou finalmente junto da montanha trémula do transmontano, à distância de uma fachada, estendeu-lhe a mão, olhou-o de frente.

– Dá cá isso.

– O menino desce ou não desce?

O soldado deixou transbordar o vulcão que o afogava por dentro, deixou cair o punhal ensanguentado (esse sangue sou eu e tu também, Guiné), abraçou-o como se o fosse estrangular, e o menino dentro de si pediu perdão, pediu ajuda.

– Ó meu alferes, o que é que eu fui fazer?

Mas em vez de responder Salvaste um pouco de mim, reventaste a barreira de amor que eu desconhecia, descortinou, a pouco e pouco, a noite de África a diluir-se na superfície líquida do espelho e a dar lugar à sua cara de todos os dias, os olhos cada vez mais fundos, a boca desistida, de maneira que pensou É então assim que me pareço, mas disse

– Já desço, Emília, já desço.